

Juventudes, mídiatizações e nomadismos: a cidade como arena¹

Silvia Helena Simões Borelli²

Rose de Melo Rocha³

RESUMO

O artigo problematiza as implicações das práticas comunicacionais articuladas por jovens moradores de uma metrópole brasileira. O objetivo é identificar algumas concepções de juventude e as peculiaridades desse modo juvenil de viver a cidade e analisar os impactos que uma experiência urbana extremamente paradoxal tem em sua socialidade e autopercepção.

Palavras-chave: Juventude; urbanidade; socialidade; violência.

ABSTRACT

The article focuses on the implications of communications practices generated by young residents in a Brazilian metropolis. The study intends to identify some concepts of youth and the peculiarities of this youth way of living the urbanity. It also analyses the impacts of an extremely paradoxal urban experience on their sociality and self-perception.

Keywords: Youth; urbanity; sociality; violence.

1 Uma versão reduzida deste trabalho será apresentada, em julho de 2008, ao II Congresso Latino-americano de Antropología (ALA), em San José, Costa Rica.

2 Professora do Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e do Programa de Mestrado em Design, Comunicação e Cognição do Centro Universitário Senac (Senac-SP).

3 Professora do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP).

Introdução

Analisar as relações de sociabilidade, os usos, as produções culturais e as dinâmicas sensíveis concretamente forjadas por segmentos juvenis urbanos tem sido um dos desafios enfrentados em nossas investigações sobre os jovens brasileiros. A inegável centralidade da interface entre comunicação e consumo emerge em boa parte desses caminhos reflexivos, nos quais, mais do que falar sobre jovens e juventudes, interessa-nos auscultar os sinais que, desde suas próprias narrativas, se fazem visíveis.

Nosso filme reflexivo é assim incessantemente sensibilizado por (comunic)ações juvenis, pelo fluxo de suas luminosidades e, igualmente, pelas zonas de obscuridade que nos fazem contemplar. Nossa narrativa sobre as juventudes e os modos de ser jovem no Brasil está, portanto, demarcada pelo cinema das mobilidades e pelas estratégias de reencantamento do mundo por eles levadas a cabo, percebendo esses “eles” não de um ponto de vista da separação radical, mas, na realidade, tomando-os como um espelho epistemológico peculiar, capaz de contaminar nossa capacidade de narrar, por meio das experiências juvenis, nossa própria história.

Essas estratégias de ser no mundo possuem características que nos permitem claramente associá-las a um campo de ação efetivamente comunicacional. Problematizar alguns dos aspectos ou manifestações mais relevantes das maneiras pelas quais, efetivamente, os jovens urbanos da maior cidade de nosso país vêm concretamente experimentando e interpretando a vida metropolitana, com todos os seus conflitos e todos os seus encantos, significa, nestes termos, perceber a própria cidade como um médium e, os corpos juvenis, como corpos-mídia.

A metrópole é suporte por meio do qual se faz circular uma miríade de linguagens juvenis. Em contrapartida, ela também se inscreve nos corpos de jovens homens e jovens mulheres, conformando o modo como andam, vestem-se, expressam-se, amam-se e colocam-se a sonhar. Escritores da urbanidade são por ela também escritos, em uma por muitas vezes tensionada relação de intercâmbio e negociação de sentidos. Os corpos-mídia e as cidades midiáticas são reapropriados pelos meios massivos. É

também por uma forte ocupação das mídias digitais que, hoje, no Brasil, veiculam-se e articulam-se inúmeras manifestações culturais juvenis.

É por este corte corporal-comunicativo que os jovens se fazem ver no cenário urbano. É, com eles, e por meio deles, que muitas vezes se vêem inseridos em dinâmicas sociais de estigmatização e invisibilização. É, com esses corpos, que se fazem efetivamente sujeitos: sujeitos de si e sujeitos no mundo. Portando valores, ostentando diferenças, abrindo-se com resistência ou adesão às estratégias de publicização de valores, de modas, de princípios. Corpos juvenis estampando na cena urbana existências nômades. Corpos juvenis, percebendo-se às vezes em uma irremediável deriva, transmutam-se também em verdadeiras máquinas de guerra, na agressão cega, na estetização do risco. Corpos em choque, em transe, em êxtase. Corpos que se encontram em movimento, aos choques, em fluxo. Corpos paralisados, na incerteza do futuro, na opressão e ausência de perspectivas a serem concretamente vividas no presente. Corpos juvenis em contato, reinventando a cidade, ocupando o espaço urbano, marcando-o com suas inscrições, suas festas, sua ruidosidade, fazendo da aridez urbana um “lugar seu”.

Segundo o que propõe Rocha (no prelo), nas cidades-mídia caminha-se do espetáculo para a introjeção dos artifícios:

Estetização da cultura. Musealização do urbano. Mas também explosão em cascata de imagens-mundo, multiplicação das miradas, profusão de imaginários, contrabando irrefreável de afetos e sentidos. [...] O olhar é interpelado pela permissividade endoscópica que convida ao tudo devasar e ao rápido devastar. Só nos resta pensar o mundo através deste mesmo olhar. Redirecionando os fluxos; transitando indagativamente e de olhos bem abertos pelo olho do furacão.

A cenarização do mundo e a conversão do humano em imagem promovem uma aproximação impactante entre espaço vivido e espaço visto, entre presencialidade e mediação. Televiajantes que hoje somos experimentamos, diante do écran televisivo ou do cenário urbano, o movimento ininterrupto e intensivo de múltiplas partidas e chegadas.

Problematizamos nesta análise como esse quadro de ambivalência tem impactado a vivência juvenil da cidade e como, com base nessa

cena metropolitana peculiar, articulam-se identidades e alteridades juvenis. Seja na percepção de um inegável assujeitamento, seja na afirmação de subjetividades possíveis, as particularidades de cada realidade metropolitana é perpassada por alguns fluxos partilhados, como ver-se-á no decorrer de nossa argumentação.

Do ponto de vista conceitual, faz-se necessário esclarecer a natureza do olhar que dirigimos a atores tão complexos. Parte-se da premissa de que ser jovem (Borelli; Rocha & Oliveira 2007) significa responder por inserções singulares e experimentar, de forma conflituosa: a hierarquia de classes; as desigualdades sociais; a maior ou menor exposição à violência e os limites entre vida e morte; as condições de gênero, etnia, nível de escolaridade, qualidade de moradia, pertença familiar; a diversidade cultural; o acesso ou a exclusão ao consumo; a participação política, cultural, comunitária; o protagonismo juvenil.

Tais singularidades expressam-se nas próprias diversidades que marcam a condição juvenil. Essa tendência permite conceber jovens e juventudes no plural e construir uma reflexão que seja capaz de responder por este ou aquele coletivo juvenil particular, situado, que constrói relações dentro de seus próprios territórios: a cidade, o bairro, a rua, a família, a escola, a igreja, os diversos pólos de ação das políticas públicas, organizações não-governamentais e outras instituições que garantem aos jovens uma designação local, um lugar de origem e de referência para o desdobramento de suas trajetórias de vida. Alguns autores enfatizam que esta singularidade juvenil estaria diretamente conectada às condições de pertença a esta ou aquela classe social:

Juventude é um conceito vazio de conteúdo fora de seu contexto histórico e sociocultural [...]. O conceito de juventude se inscreve nas características fundamentais da classe social de pertença [...]. O estudo dos fenômenos juvenis, portanto, só será entendido no marco geral das grandes mudanças socioeconômicas e culturais (Valenzuela 1998: 38-39).

Entretanto e, por outro lado, de forma a somar e não excluir é possível pensar jovens e juventudes não apenas pelas marcas da diferença, mas também pela percepção de que há alguns substratos universais (Mo-

rin 1984) identificáveis em jovens e coletivos juvenis com visibilidade em todo o mundo: enfrentam conflitos intergeracionais; inventam e se comunicam por meio de linguagens que lhes são próprias – e isto parece ainda mais evidente no uso das novas tecnologias, móveis e interativas; assumem certo tom de rebeldia, heroísmo e gosto pela aventura; aderem ao movimento, ao jogo, às intensas emoções; manifestam forte ligação com o presente – “aqui e agora” –, certa dificuldade em equacionar o passado – “nem sempre as lembranças são boas” – e alguma relutância em projetar o futuro – “há um tanto de vazio na espera”; valorizam o novo e a novidade e tendem a desconsiderar a experiência – em especial, o saber e o conhecimento acumulado pelos mais velhos; buscam a auto-realização, exaltam a vida privada, o consumo e os ideais de beleza, amor e felicidade (Borelli; Rocha & Oliveira [no prelo]).

Oscilam entre o nomadismo – ganhar a rua, atravessar a cidade, conhecer o mundo para além das fronteiras territoriais – e o gregarismo – voltar para casa, buscar refúgio e segurança, reconstruir redes de sociabilidade; desfrutam de alguns gostos culturais e estilos de vida semelhantes no Oriente e no Ocidente, nos centros e nas periferias das grandes metrópoles, em alguns agrupamentos e coletivos auto-referidos etnicamente: a música, alguns itens de vestimenta – como o tênis, por exemplo –, os adereços e acessórios, o uso – ou o desejo de usar – as novas tecnologias. São características capazes de fornecer pistas interessantes para a construção destas cartografias de perfil mais universalizante.

Nesse sentido, as alternativas propostas – jovens e juventudes ao mesmo tempo como referências singulares e universais – devem dialogar entre si de forma a se evitar a exclusão ou correr-se o risco de compreender a juventude apenas como “etapa, ponte, momento sem consistência ou identidade reduzido a uma mera transição entre grupos de idade” (Martín-Barbero 1998: 23).

Esclarece-se que o conceito de identidade aqui acionado não supõe, de forma alguma, qualquer conotação de homogeneidade; pelo contrário, reforça a heterogeneidade, a diversidade cultural e a existência de múltiplas juventudes particulares:

Em nenhuma parte do mundo a juventude representa um bloco homogêneo capaz de responder por um conjunto de categorias fixas [...]. [Os jovens] trabalham, vão à escola, abraçam algumas causas, mas os referenciais identitários não passam pela fábrica, pela escola, pelo partido. A identidade está em outra parte. São identidades móveis, efêmeras, mutantes, capazes de respostas ágeis e, por vezes, surpreendentemente comprometidas (Reguillo 1988: 58).

O que se reivindica do ponto de vista conceitual é que os jovens possam emergir não pela negação, pelo “não ser” – criança ou adulto –, mas por um estatuto afirmativo que procure dar conta daquilo que realmente representam ou, em outras palavras, da “emergência da juventude como ator social, com estatuto próprio, sensibilidade e expressões próprias, trânsitos urbanos, apropriações e ressignificações” (Cubides; Toscano & Valderrama 1998: X).

Coletivos juvenis e redes de socialidades

Na compreensão e avaliação dos coletivos juvenis, observa-se que alguns jovens, em especial aqueles que vivem em grandes cidades, articulam-se preferencialmente em redes de “socialidades”, buscando formas mais autônomas, e por vezes autogestionárias, de “estar juntos”. O objetivo aparente na formação destes coletivos é o de questionar relações sociais institucionalmente constituídas e imprimir uma marca de independência em relação às organizações formais da sociedade. Enquanto muitas das instituições sociais privilegiam o que tem sido conceituado como “sociabilidades” – “indivíduos e suas associações contratuais” –, a “socialidade vai acentuar as dimensões afetiva e sensível, onde se cristalizam as agregações de toda ordem, tênues, efêmeras, de contornos indefinidos” (Maffesoli 1987: 101-102).

Por meio das redes de socialidade – e nem sempre articulados a projetos institucionais – alguns coletivos juvenis se tornam atores sociais, participam e intervêm em processos dentro de suas próprias comunidades, assim como nos espaços públicos das cidades em que residem. Alteram e transformam as estruturas e características originais dos cenários urba-

nos pela ação da música, do teatro, de leituras e narrativas, da dança e arte popular urbana, entre elas: grafites, pichações, *stickers*; intervêm em movimentos voltados para a ecologia, o meio ambiente, as novas ordens planetárias, entre outras alternativas de participação que adquirem um caráter político por sua intencionalidade e pelas formas por meio das quais se apropriam dos espaços públicos transformando-os, mesmo que efemeramente, em “lugares seus”.

Dessa forma, seria interessante atentar para os novos sentidos que se podem atribuir ao que tradicionalmente consideramos participação ou mesmo participação política: observa-se a emergência de alternativas de participação, novas “artes de fazer” (Certeau 1994) e conceber o político e a política, em propostas assumidas, inúmeras vezes, por esses coletivos juvenis.

Nomadismos e gregarismos

Um dos elementos que se sobressai na caracterização do perfil da juventude diz respeito a sua condição de mobilidade ou, em outras palavras, ao nomadismo. O nomadismo tanto pode ser entendido em seu sentido literal – deslocamento espacial e geográfico, ou mesmo “des-centramento, des-espacialização” (Martín-Barbero 1998) – como também o significado se amplia em direção a uma mobilidade temporal – viver tempos de passagem, de alternância momentânea, de simultaneidades; ou, ainda, supor a existência de um nomadismo de percepção – absorver fluxos, filtrar, aparar, assimilar, equacionar os inúmeros *chocs* (Benjamin 1989: 109-113) que resultam de uma vida cotidiana tensa e intensa permeada pela relação com a cidade e também conectada a “velhas” e “novas” mídias.

É interessante observar que mesmo jovens inseridos em outros lugares que não as grandes cidades experimentam essa mobilidade temporal e espacial, propiciada, por exemplo, pelo contato com a televisão ou mesmo com a internet, quando acessível. A relação com as mídias permite que o distante se torne próximo, inserido no cotidiano doméstico e familiar, e que a informação possa ser apropriada quase em tempo real.

O nomadismo se torna mais claro quando compreendemos que os jovens se percebem situados em um mundo “estranho/estrangeiro” (Maffesoli 2000: 152-153) e que sua inserção se dá de forma contraditória: ora respondem de maneira organizada e programada, acatando propostas originadas das instituições – Estado, família, Igreja, escola –, atuando no contexto familiar e comunitário, solidificando a pertença e os laços identitários e reforçando, portanto, sua condição gregária – viver em grupo e buscar no território o refúgio e a proteção que a família, a Igreja, a escola e os projetos de políticas públicas podem oferecer; ora, contudo, replicam, de tempos em tempos, de forma “insidiosa, desordenada e insolente”, expressando a recusa às imposições de um contexto institucional que consideram “envelhecido” e dele desejam se distanciar. Os jovens, nessa perspectiva, não estariam propriamente posicionados a favor ou contra as instituições, mas definindo outros lugares por onde “escapar”, confiando menos nas instituições oficiais e mais em mecanismos próprios, de auto-organização. Nesse sentido, pode-se afirmar que os jovens são “um objeto nômade, de contornos difusos” (Martín-Barbero 1998: 22).

São nômades porque, com “rodinhas nos pés”, tomam conta da cidade como um todo ou dos bairros das regiões em que vivem, numa circulação transversal e desordenada, que explode os limites da espacialidade urbana e, por vezes, do próprio pertencimento social. São nômades na percepção sobre diferentes temporalidades e portadores de uma sensibilidade que Simmel (1973: 11) denominaria “vida mental”, capaz de dar conta, por simultaneidade, de múltiplos influxos, como sons, imagens, palavras: ouvem música, ao mesmo tempo em que assistem à TV, falam ao celular, estudam e navegam pela internet. O “nomadismo de percepção” caracteriza um tipo de atenção difusa, capaz de equacionar um grande número de fluxos e atividades, em que se relacionam práticas culturais tradicionais com outras, que envolvem a televisão, as novas tecnologias e as mídias digitalizadas e móveis, como os celulares.

São nômades também em relação ao consumo e aos estilos de vida, às expressões da religiosidade e aos seus posicionamentos diante da vida, da cultura, da política, das instituições em geral. São nômades na busca

por pertença fora do *locus* de origem e nas cisões dentro do contexto familiar. Nômades nas rupturas com a escolaridade e com a escola oficial, por vezes calcada em normas autoritárias, em um corpo de valores individualistas e na exclusão do “outro”, do diferente do seu rol de referências (Cubides; Toscano & Valderrama 1998: IX).

A possibilidade de ser mais ou menos nômade está proporcionalmente vinculada à faixa etária e aos locais de moradia: os meninos e meninas mais novos apresentam maior dificuldade em circular pela cidade, ganhar o mundo; ainda estão na dependência das famílias, quase não saem à noite, e o acesso ao “mundo de fora” se transforma em desejo, em horizonte de espera. Já os mais velhos circulam mais, e são depositários de certa autonomia que lhes permite ganhar a cidade e conhecer lugares “estranhos e distantes”: lugares de ir, circular, encontrar pessoas, ficar; lugares onde as coisas acontecem! Meninos e meninas que vivem em regiões com carência de infra-estrutura restam mais confinados em seu bairro de origem e, conseqüentemente, restritos aos precários, e por vezes inexistentes, equipamentos culturais e espaços de lazer.

É preciso considerar, ainda, que a condição de nomadismo se expressa pela diversidade dos contextos territoriais, das heterogeneidades dos centros urbanos e dos vínculos familiares.

A criminalização e o estigma da violência

Dentre os diversos aspectos que se apresentam à análise desta problemática, chama atenção, ao confrontarmos percepções correntes, representações midiáticas e as próprias narrativas juvenis, a tensão entre protagonismo e vitimização (Rocha 1999). Assim, embora as estatísticas brasileiras apontem claramente para a quantitativa vitimização de homens jovens por atos de violência criminal, cristalizou-se um imaginário social no qual se associa o segmento juvenil – em especial as classes populares – à condição de protagonistas da violência e, mais ainda, à constituição de uma ameaça indiscriminada a toda a sociedade. A criminalização da juventude toma a dimensão de verdadeiro estigma social. Perniciosamente, pode-se identificar, em caminho complementar,

a adoção por alguns jovens desta atribuição estigmatizadora como estratégia de afirmação de identidades assumidamente desviantes.

Pesquisas sobre homicídios na cidade de São Paulo (Pavez & Oliveira 2002) têm mostrado que a maioria de suas vítimas começou a apresentar problemas de comportamento e conduta social na adolescência: no início da atividade sexual e no início da vida pública; na descoberta e conquista de novos amigos; na participação na vida noturna da grande cidade, pela freqüência a bares e danceterias nas proximidades da moradia, ensejando os primeiros contatos e o uso de drogas lícitas e ilícitas e o acesso a meios de sobrevivência muito mais vantajosos e imediatos do que aqueles auferidos por seus pais (Brasil 2008).

O discurso fatalista, a menção à escolha do melhor ou do pior caminho, a visão, particularmente forte junto a jovens de zonas periféricas, de que todos têm um destino reforçam a construção de visões de mundo angustiadas, nas quais as escolhas são quase um fardo. A esses jovens, parece restar uma atitude de esgrimista: lutar para encontrar o melhor caminho, mas, ao mesmo tempo, lutar para não se indispor com os que ficaram para trás.

A esgrima também se dá em outras arenas. Trata-se, muitas vezes, de lutar por “manter a consciência”, de lutar no que alguns consideram a contracorrente da sociedade de consumo, utilizando, na composição de perspectivas futuras, referências outras de sucesso e inclusão, seja por meio do acesso à cultura, seja pela educação formal, seja no engajamento em ações sociais e educacionais alternativas.

É ainda bastante comum, embora não claramente nomeada como tal, a experimentação de situações em que a prática da violência inicia-se “por acaso”, seja como consequência de “acertos de conta” banais, seja como desdobramento de brincadeiras intergrupais. Assim, igualmente separam a noção de “violência pela violência” da chamada “violência por necessidade”.

Mesmo quando não diretamente associado à criminalidade, o potencial destruturador do envolvimento com o universo do álcool e de drogas ilegais inscreve-se no imaginário e demarca boa parte do cotidiano juvenil. Em inúmeros dos relatos colhidos nota-se, por parte dos jovens,

a tentativa de elaborar justificativas para experiências como essas, associadas a uma “ausência de controle” e à entrada em um campo cíclico, labiríntico, no qual se perde autonomia e provoca-se o sofrimento alheio, ainda que de forma involuntária. Elencam, para tanto, além das já citadas explicações sociais, fatores culturais e psicológicos mais sutis, muitos deles indiretamente relacionados à lógica da sociedade do consumo e da comunicação, marcada pelo excesso, pela urgência do viver o “aqui e agora” e pela busca desenfreada de reconhecimento e visibilidade.

Ultrapassando um recorte dicotômico de classe, é comum aos jovens paulistanos a nomeação do desejo que moveria muitos dos jovens praticantes de atos de violência, tanto aqueles claramente criminalizados – no caso, por exemplo, do narcotráfico – como os que aparecem associados à violência simbólica, a brigas ou a atos de vandalismo. Em ambos, o mesmo desejo juvenil: sentir-se “forte” e integrado a novos grupos de socialização.

Conclusões

Os jovens aparecem como coletivo singular se colocados, por exemplo, em contraposição às gerações que os antecedem. Dialogam com tradições e modelos mais conservadores de conduta e percepção – lógicas institucionais e familiares; educação oficial e religiosa que, inúmeras vezes, recusam as práticas e os saberes cotidianos, criando tensões e afastamentos; mercado de bens simbólicos que os transforma em consumidores, ora incluindo, ora excluindo. Entretanto, introjetam, também, outras formas de sensibilidade, adquiridas na relação com a cultura moderna, o consumo cultural e a cultura das mídias e, em especial, hoje, na forma como se apropriam dos recursos resultantes de suas relações, mesmo que eventuais, com as novas tecnologias. Esse processo não se dá por exclusão entre tradições e rupturas, mas por conflituosas interações capazes de gerar tensões, embora também sensórios e sensibilidades bastante complexos. É importante ressaltar que essas tensões entre modelos tradicionais e condutas transformadoras podem ser observadas, ao mesmo tempo – ainda que de forma diversificada e em maior ou menor

intensidade –, em jovens que habitam grandes centros urbanos ou cidades de menor porte, assim como em jovens que vivem em comunidades indígenas, distantes dos pólos urbanizados (Vitti 2005).

As diversas temporalidades experimentadas por jovens da cidade de São Paulo, um dos mais marcantes paradigmas de metrópole no contexto brasileiro, revelam interessantes cartografias de subjetividades quando esses jovens são diretamente abordados em seus lugares de lazer e encontro societal. O destemor juvenil convive com vários temores, materializando-se em estratégias de comunicação, circulação pela cidade, reconhecimento intergrupar e no reconhecimento e/ou negação do “outro”, do diferente.

Os modos de ser e de viver dos jovens urbanos no Brasil apontam para uma experiência complexa, de caráter múltiplo e efeitos paradoxais. A experiência juvenil efetivada em espaços metropolitanos brasileiros está marcada por formas de inserção no espaço e no tempo profundamente heterogêneas. De um lado, os grandes centros urbanos apresentam-se como universo de infindáveis possibilidades: de produção e de consumo cultural; de acesso a tecnologias, bens e serviços; de educação, trabalho e interação social.

Entretanto, a mesma cidade que se abre para alguns jovens como terreno fértil e convidativo, implica, para muitos outros, a vivência cotidiana de dolorosas e, por vezes, intransponíveis situações de tensionamento e exclusão. Nossas metrópoles são essencialmente ambivalentes: ao mesmo tempo, a escassez e o excesso, a aceleração e a inércia, o desenvolvimento e a precariedade. E é nessa cena de paradoxos que efetivamente os jovens vivem na cidade e com a cidade, na cidade e, muitas vezes, apesar dela: rompendo limites, reinventando possibilidades, caminhando em corda-bamba ou saltando no ar. Para alguns, o céu como limite. Para outros, resta reinventar-se no mais árido chão.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, W. Walter Benjamin. *Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire. Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BORELLI, S. H. S. “Jovens em São Paulo: lazer, consumo cultural e hábitos de ver TV”, in *Revista Nômadas*. Bogotá: DIUC, nº 13, out./2000.
- BORELLI, S. H. S. & RAMOS, J. M. O. “Os office-boys e a metrópole: lutas, luzes e desejos”, in *Desvios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, nº 4, jul./1985. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetojovensurbanos/artigoofficeboys.htm>>. Acesso em: 16/6/2008.
- BORELLI, S. H. S. & ROCHA, R. L. M. “Urbanas juvenilidades. Modos de ser e de viver na cidade de São Paulo”. Disponível em: <http://www.pucsp.br/projetojovensurbanos/Texto_Margem.htm>. Acesso em: 16/6/2008.
- BORELLI, S. H. S.; ROCHA, R. L. M. & OLIVEIRA, R. A. *et alli. Viver e morrer na metrópole. Jovens, experiências urbanas, nomadismos* (no prelo).
- BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). *Caderno de Gestão do Serviço Sócio-Educativo – Projovem Adolescente*. Brasília: Instituto de Estudos Especiais (IEE)/Pontifícia Universidade de São Paulo (PUC-SP), 2008.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L. & VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/ DIUC, 1998.
- MAFFESOLI, M. “Nomadismo juvenil”, in *Revista Nômadas*. Bogotá: DIUC, nº 13, out./2000.
- . *O tempo das tribos. O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.
- MARGULIS, M. & URRESTI, M. “La construcción social de la condición de juventud”, in CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L. & VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/ DIUC, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, J. “Jóvenes: des-orden cultural y palimpsestos de identidad”, in CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L. & VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.
- MORIN, E. *Cultura de massas no século XX. O espírito do tempo 1. Neurose*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- PAVEZ, G. A. & OLIVEIRA, I. I. M. C. “Vidas nuas, mortes banais – nova pauta de trabalho para os assistentes sociais”, in *Revista Serviço Social e Sociedade*, nº 70. São Paulo: Cortez, jul./2002.
- REGUILLO, R. “El año dos mil. Ética, política e estéticas: imaginarios adscripciones y prácticas juveniles. Caso mexicano”, in CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L. & VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.
- ROCHA, R. L. M. “Cidades palimpsestas, cidades midiáticas: limiaridades e errâncias que produzem significação” (no prelo), 2008.

- _____. “Uma cultura da violência na cidade? Rupturas, estetizações e reordenações”. Disponível em: <<http://www.seade.gov.br/produtos/spp/index.php?men=rev&cod=3079>>. Acesso em: 16/6/2008.
- SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental”, in VELHO, O. G. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973.
- VALENZUELA, J. M. “Identidades juvenis”, in CUBIDES, H. J.; TOSCANO, M. C. L. & VALDERRAMA, C. E. H. (orgs.). *Viviendo a toda: jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre/DIUC, 1998.
- VITTI, V. T. *Jovens Kamaiura no século XXI*. Dissertação de mestrado em Antropologia – Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais. São Paulo: PUC-SP, 2005.